

JUAN JOSÉ SAER

CICATRIZES

«O mais importante escritor
argentino depois de Borges»

The Independent

«Uma obra-prima»

Corriere della Sera



cavallo de ferro

JUAN JOSÉ SAER
CICATRIZES

JUAN JOSÉ SAER
CICATRIZES

romance

Traduzido do castelhano (Argentina)

Pedro Miguel Mochila



cavalo de ferro

Obra editada en el marco del Programa "Sur" de Apoyo a las Traducciones del Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto de la República Argentina

Obra editada no âmbito do Programa "Sur" de Apoio às Traduções do Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da República Argentina

Título original: Cicatrices

© Heirs of Juan José Saer

c/o Schavelzon Graham Agencia Literaria, S. L.

www.schavelzongraham.com

© Cavalo de Ferro, 2016, para a presente edição

Revisão: Cláudia Chaves de Almeida

Paginação: Finepaper, Lda.

ISBN: 978-989-623-217-7

1.ª edição, Março de 2016

Todos os direitos para a publicação em língua portuguesa (Portugal) reservados por:

© Cavalo de Ferro, marca propriedade de Theoria, Lda.

Rua das Amoreiras, 72 A

1250-024 Lisboa

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou por qualquer processo sem a prévia autorização e por escrito do editor, com excepção de excertos breves usados para apresentação e crítica.

Quando não encontrar algum livro da Cavalo de Ferro nas livrarias, sugerimos que visite o nosso *site*: www.cavalodeferro.com

Imaginary picture of a stationary fear.

Edwin Muir

Para a BIBY

FEVEREIRO, MARÇO, ABRIL, MAIO, JUNHO

Há esta porcaria de luz de Junho, pérfida, entrando pela vidraça. Estou inclinado sobre a mesa, fazendo deslizar o taco, preparado para bater. A vermelha e a branca — a minha bola é a que tem o ponto — encontram-se do outro lado da mesa, perto do canto. Tenho de tacar suavemente, para que a minha bola role muito devagar, para que bata primeiro na vermelha, a seguir na branca e acerte depois na tabela entre a vermelha e a branca: a vermelha há-de bater na tabela lateral, antes de a minha bola bater na tabela do fundo, em cuja direcção deve avançar em linha oblíqua após ter batido na branca. Assim: suavemente, a minha bola vai impelir a vermelha — a qual vai bater na tabela lateral — e vai ressaltar em direcção à branca, à medida que a vermelha, por sua vez, avança em direcção à branca vinda da tabela lateral, em linha recta. A minha bola há-de formar um triângulo imaginário. A vermelha percorrerá a base desse triângulo, de uma ponta à outra. Se o cálculo não for exacto, a vermelha não terá tempo para percorrer a totalidade do trajecto que a conduzirá até à branca. É preciso que a vermelha tenha passado já por um certo ponto da mesa — vinda da tabela lateral — antes de a minha bola bater na tabela do fundo e voltar novamente para trás, devagarinho, em linha oblíqua.

Pela vidraça, entra esta porcaria de luz que nem sequer aquece. Faz mais frio que sei lá o quê. Faz falta um sol semelhante a gente, não uma luz encharcada como esta, que serve apenas para mostrar que o cigarro que ele acaba de atirar para o chão de mosaico ainda está aceso, porque há uma colunazinha

de fumo ascendente que se vai fragmentando — azul — até desaparecer. Parece sempre a mesma colunazinha e sempre a mesma zona de fragmentação — é tudo tão lento —, e não este fumo que flui contínuo e que depois se desfaz no centro do bloco imaginário da luz. Bloco? Como se pudesse ser um bloco, esta porcaria de luz: não sei de que sol podre há-de emanar. Não está aqui a fazer nada; não serve para nada. Ela que nos deixe e que se dedique antes a entrar pela vidraça de um bar qualquer num outro planeta, um planeta de filhos da mãe. Que não venha mais aqui. Aqui faz falta outra luz: uma luz cega, quente, árida, a esquentar. Porque está frio. Está um frio de rachar. Um frio do caralho, é o que é. A calota polar deve ser um caldinho comparado com isto. Na Antártida, em comparação, podíamos andar tranquilamente em pelota. É de loucos. Aqui escarramos e cai um cacho de gelo no passeio. Toda a gente anda a cuspir geada. Anteontem, nem é preciso ir mais longe, um tipo que estava na rua San Martín abriu a boca para cumprimentar um amigo que vinha no outro passeio e não conseguiu voltar a fechá-la porque se lhe encheu de geada. Tiveram de aplicar-lhe uma máquina de soldar para conseguir voltar a fechá-la, porque o frio que lhe estava a entrar pela boca aberta principiara a congelar-lhe o sangue. Se isto continuar assim, à primeira oportunidade meto-me na cama com noventa cobertores e não destapo o nariz até Janeiro.

Agora que atirou o cigarro não faz mais nada. Está para ali em pé, imóvel, com o taco na mão. Observa o modo como eu movimento o meu taco, lentamente, fazendo pontaria. Não parece estar a ver. Estará decerto a pensar noutra coisa. Sabe-se lá em que estará a pensar. O mais provável é estar a pensar num par de mamas, é desses tipos que tudo quanto têm no cérebro está lá atrás, arremessado contra a nuca, esmagado por um grande par de mamas que ocupa oitenta por cento ou mais do volume da caixa craniana. Há tipos que nem sequer têm mais nada na cabeça a não ser um par de mamas. Têm o par de mamas, e depois mais nada. Há tipos aos quais até se lhes pode ver o bico dos mamilos a sair pelos olhos. Refiro-me aos tipos que têm as pupilas roxas. Percebemo-lo

logo quando lhes vemos a cor das pupilas: são roxas. Talvez não esteja a pensar nisso, é possível; é capaz de estar a pensar que na próxima semana, numa noite qualquer, vai sentar-se à luz do candeeiro e vai escrever de enfiada algo que mudará o mundo. Há uma data de tipos como este que passam a vida a pensar que, de uma semana para a outra, zás, viram o mundo do avesso. Têm apenas de levantar a mão, segundo eles, dignar-se a levantar a mão, e já cobriram de bênçãos a superfície da Terra. Também é possível que esteja a pensar que o cigarro lhe está a queimar a boca e que convém começar a revolver e a acumular saliva com a língua para arrefecer a boca, e depois cuspir, ou então que agora vai libertar a mão direita do taco e vai metê-la no bolso direito das calças. Vai-se ver e não está a pensar em nada: vai-se ver e até as mamas desapareceram e agora não tem nada lá dentro, texturas somente, as paredes negras, áridas, corroídas pela ferrugem de velhas memórias e pensamentos, um negror húmido, verde-escuro, sem quaisquer zonas iluminadas, nem o eco da luz pálida nem o do som brumoso que é o horizonte de ruído que rodeia o cone iluminado pelo candeeiro cuja luz se desdobra sobre a mesa de bilhar, o cone iluminado em cujo interior estamos apenas nós os dois — ele quase no limite — e as três bolas, os tacos e a mesa. Em pé, imóvel, fita-me inclinado, enquanto movimento o taco, lentamente, fazendo pontaria. Olha, mas não sei se vê. Quem poderia jurar que vê? Eu não. Se alguém está disposto a jurar que ele está a ver que se chegue à frente e jure. Eu não juro. A única coisa que eu sei é que, depois de ter atirado o cigarro, virou a cabeça na direcção do sítio onde me inclino sobre a mesa fazendo o taco deslizar; e que há uma luz de Junho bastante pérfida entrando pela vidraça do café, uma luz exangue, e que o meu projecto trava e detém tudo o que transborda do exterior para a mesa, para inundá-la. O meu projecto, a saber: fazer com que a minha bola avance devagar até à vermelha, que bata nela, que se dirija em seguida à branca e volte a bater, deslizando depois e voltando a bater na tabela do fundo, recuando outra vez em linha oblíqua, em sentido contrário, dando tempo a que a vermelha — que bateu por sua

vez na tabela lateral — regresse em linha recta até à branca, voltando a juntar-se-lhe, de tal modo que a minha bola, que terá passado por detrás da vermelha, fique em situação de vantagem para o projecto da próxima carambola.

— Seis — disse eu. Mas ainda não era a sexta: a bola ia rolando muito perto da tabela, depois de ter batido com sua-vidade naquela com o ponto, que era a de Tomatis, e agora dirigia-se em linha recta à vermelha. Quando bateu nela, eu encaminhava-me para o outro extremo da mesa e Tomatis permanecia de pé, sustendo o seu peso no taco apoiado no chão de mosaico, contrastando nitidamente com a claridade de Fevereiro que irrompia num rectângulo amarelo através da janela do bar. A robusta figura de Tomatis enchia-se de sombra por causa do contraste, mas uma espécie de nimbo luminoso bordejava toda a sua silhueta. Quando a bola branca se deteve, depois de acertar na vermelha, inclinei-me de novo para ela e fiz pontaria com o taco. Embora eu estivesse concentrado na minha tacada, sabia que Tomatis não estava a prestar a menor atenção; permanecia de pé, aferrando com ambas as mãos o taco apoiado no chão, olhando os mosaicos, ou a ponta dos sapatos, cercados pelo nimbo de claridade de Fevereiro.

— Acho que a maturidade não traz qualquer experiência — disse. — Ou devo antes dizer que a experiência não traz maturidade?

Dou a tacada, desta vez apontando à vermelha, e depois à tabela, e após bater na vermelha e na tabela, a minha bola atravessa a mesa verde na diagonal e avança em direcção à bola com o ponto.

— Sete — pronuncio.

— Muito bem — diz Tomatis, felicitando-me, sem sequer olhar para a mesa.

A bola branca bate na com o ponto e a pancada ressoa com a sua peculiar sonoridade no grande salão infestado de ruído, burburinho, gritos e vozes. O cone de luz artificial que cai sobre a mesa verde isola-nos como se estivéssemos no interior de uma tenda. Há vários cones luminosos em todo o salão. Cada um deles está tão isolado dos outros e agita-se em

tão perfeita autonomia que parecem planetas com o seu lugar fixo num sistema, rodopiando nele e ignorando cada um a existência dos demais. Tomatis permanece estático no exacto limite dessa tenda de luz e tem atrás de si a grande claridade de Fevereiro, porque a nossa mesa é a que se encontra mais perto da janela.

Preparo-me para bater a oitava bola. Inclino-me sobre a mesa, apoio parte da palma da mão direita no pano, mais três dedos, introduzo o taco numa espécie de ponte que formo com o polegar e o indicador, e com a mão esquerda movo o taco desde a sua base. O meu olhar alterna entre o ponto da minha bola no qual o extremo do taco deve bater, o ponto da bola vermelha no qual vai bater a minha bola e o sítio no qual a bola com o ponto se encontra, ou seja, a bola contrária à minha, neste caso a de Tomatis.

— Muito bem batida — diz Tomatis, olhando para mim. Não presta a menor atenção ao jogo, e eu já fiz trinta e seis carambolas e ele apenas duas. As duas que fez foi por mero acaso, e a impressão que dá ao bater é que pretende falhar a sua tacada o quanto antes, de modo a deixar-se ficar ali ao lado da mesa a falar. Dá a impressão de que, para ele, quantas mais carambolas fizer o adversário, melhor, já que isso lhe permitirá verbalizar um mais extenso parágrafo. Não parece ser inábil, mas simplesmente não prestar atenção. Até diria que manuseia o taco bastante bem — dá para perceber pela forma como pega nele —, quando comparado com muitos tipos que se põem a jogar bilhar depois do almoço. Porém, tendo em conta que revela bastante experiência no jogo, que é sempre ele quem convida os outros para jogar e que todos os tipos que convida — Horacio Barco, por exemplo — jogam melhor do que ele, a conclusão que tiro é que Tomatis usa o jogo de bilhar para estar o tempo todo a falar sozinho a seu bel-prazer.

Depois acrescenta:

— A menos que um tipo seja fora de série, mas esses não contam para a humanidade.

Levanto a cabeça antes de bater e digo-lhe:

— Eis aqui um democrata.

— Sou famoso por me estar a cagar para os palermas que querem fazer pouco de mim — diz Tomatis, rindo.

E outras coisas do estilo. Comecei a trabalhar no jornal no dia sete de Fevereiro, graças a ele, e encarregaram-me da secção dos Tribunais e da secção de Meteorologia. Ele tratava da actualidade e corrigia a página literária dos domingos. A minha relação com Tomatis datava de há um ano para cá. Eu tinha acabado de ler um dos seus livros e encontrei-o certa vez na rua e segui-o até ficar ao seu lado. Ele estava a fumar um cigarro e não deu pela minha presença até parar em frente a uma tabacaria a conferir o bilhete da lotaria.

— O senhor é o Carlos Tomatis, não é verdade? — perguntei-lhe.

— Dizem que sim — respondeu ele.

— Queria falar consigo porque gostei muito de um dos seus livros — disse-lhe eu.

— Qual deles? — disse Tomatis. — Porque tenho mais de três mil.

— Não — disse eu. — Um dos que escreveu. O último.

— Ah — disse Tomatis. — Mas não é o último. É apenas o segundo. Penso escrever outros.

Depois pôs-se a estudar o bilhete mordiscando o cigarro.

— Dois quarenta e cinco, dois quarenta e cinco, dois quarenta e cinco — cantarolou, observando a lista de números. — Nem aparece, o dois quarenta e cinco.

Despediu-se e afastou-se. Mas vimo-nos depois várias vezes, e se é certo que nunca conseguimos falar do seu segundo livro, quando o meu pai morreu e fiquei sozinho com a minha mãe fui ter com ele para lhe perguntar se me podia arranjar trabalho. Eu conhecia outras pessoas, muito mais influentes do que ele, às quais poderia pedir que me arranjassem algum trabalho, mas queria pedir-lho a ele. Queria que ele me desse alguma coisa. E deu, visto que, não sei bem como, no dia sete de Fevereiro às dez da manhã estava eu com o velho Campo, o antigo encarregado da secção, prestes a reformar-se, percorrendo as escuras galerias do Tribunal, subindo e descendo as